

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA
ESCOLA**

**Representações de gênero e família a partir da assistência fílmica
do desenho animado *Valente* por estudantes do final do ensino
fundamental II**

SONIA BRAGA

Florianópolis – SC
2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA
ESCOLA**

**Representações de gênero e família a partir da assistência fílmica
do desenho animado *Valente* por estudantes do final do ensino
fundamental II**

SONIA BRAGA

Projeto de pesquisa, referente ao
Trabalho de Conclusão de Curso do Curso
de Especialização EaD Gênero e
Diversidade na Escola.
Orientadora: Tatiana Lee

Florianópolis – SC
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Braga, Sonia
Representações de gênero e família a partir da
assistência fílmica do desenho animado Valente por
estudantes do final do ensino fundamental II / Sonia
Braga ; orientador, Tatiana Lee - Florianópolis, SC, 2016.
44 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Curso de especialização Gênero e Diversidade na
Escola..

Inclui referências

1.Especialização em gênero e diversidade na escola. I.
Lee, Tatiana . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Curso de especialização Gênero e Diversidade na Escola..
III. Título.

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela força e coragem durante toda essa longa caminhada.

A minha família, sobretudo a meu irmão, por sempre me ajudou nos momentos que precisei.

A minha professora orientadora Dra. Tatiana Lee, pela ajuda nas correções e incentivo nas produções que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

As alunas e alunos que participaram desta pesquisa e que tanto enriqueceram meu trabalho com suas produções textuais.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE), gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação), na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, ao sexismo, à lesbofobia, à homofobia, à transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil.

“Nosso destino vive dentro de nós.
Nós só precisamos ser valentes o bastante para vê-lo!”

Frase da Princesa Merida no filme Valente

RESUMO

Os filmes infantis têm grande penetração no mundo das crianças e são corresponsáveis pela transmissão de conhecimentos e saberes amplamente difundidos. No entanto, é comum encontramos desenhos animados que retratam a (re)produção da dicotomia hierárquica entre meninos e meninas. Assim, este estudo discute como as representações cinematográficas de animação infantil podem reproduzir e/ou quebrar com os estereótipos sociais, sobretudo aqueles que difundem representações acerca dos papéis de gênero e constituição familiar. A partir desta problemática, busca-se, por meio de uma pesquisa qualitativa, analisar como se dão as representações de gênero e de família tendo como ponto de partida a assistência fílmica do desenho animado *Valente* (Brave. Direção: Mark Andrew e Brenda Chapman. Produção: Disney-PixarAnimations. DVD, Estados Unidos, 93 min., 2012), por estudantes do final do ensino fundamental II. Procura-se verificar que atividades como essa, em sala de aula, possam fomentar a discussão de temas acerca das representações sociais, bem como a hierarquização das relações entre homens e mulheres. A análise dos dados coletados foi pautada pelos estudos de gênero e apontaram, de forma geral, para a manutenção dos estereótipos sociais referentes aos papéis de gênero masculino por parte dos meninos e uma ruptura referente aos papéis dos atributos femininos por parte das meninas. Isso pode revelar que aos meninos manter-se nessa posição é assegurar um lugar de hegemonia que julgam ser seu por natureza, já a mudança de perspectiva das meninas, por sua vez, pode sinalizar um descontentamento com o posto a elas atribuído e, ao mesmo, tempo uma reivindicação de direitos que possam garantir a equidade entre os gêneros.

Palavras-chave: Representações. Família. Gênero. Escola.

ABSTRACT

Children's films have become massive influences in children's universe and therefore are held responsible for the knowledge passed on to them and widely spread ideologies, such as gender hierarchy dichotomies. This paper aims at discussing how Animated Feature Movies, targeting young audience, can either replicate or break through social stereotypes, especially the ones addressing gender roles and family assembly. By saying that, this study, through a qualitative research, attempts at analyzing how these gender roles and family assembly are being reproduced in 8th grade students, considering the computer-animated fantasy from 2012, 'Brave' (Mark Andrews and Brenda Chapman, Produced by Disney-Pixar, USA). The data analysis has shown that there is a maintenance of the stereotypical male role among boys and a breakthrough regarding female attributes when it comes to girls. That reinforces the fact that boys intend to withhold their hegemonic position and status quo referred to as naturally male; yet, among girls, it points to the issue that they are claiming for equal rights between genders and showing dislike as well as discomfort with the position they are often stereotypically attributed.

Key words: Gender roles; family; school;

INDICE DAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1	26
Figura 2	27
Figura 3	28
Figura 4	28
Figura 5	29
Figura 6	30
Figura 7	31
Figura 8	32
Figura 9	33
Figura 10	34
Figura 11	35
Figura 12	36
Figura 13	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
-------------------------------	----

9

<u>2. OBJETIVOS</u>	11
<u>2.1 GERAL</u>	11
<u>2.2. ESPECÍFICOS</u>	11
<u>3. HIPÓTESE DO ESTUDO</u>	11
<u>4. REVISÃO DE LITERATURA</u>	12
<u>5. METODOLOGIA</u>	20
<u>5.1 CENÁRIOS DO ESTUDO</u>	20
<u>5.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO</u>	21
<u>5.3 COLETA DOS DADOS</u>	21
6. ANÁLISE DOS DADOS	22
7. CONCLUSÃO	36
8. <u>CRONOGRAMA DO ESTUDO</u>	37
9. <u>ORÇAMENTO DO ESTUDO</u>	37
10. <u>REFERÊNCIA</u>	38
<u>APÊNDICE</u>	39

1. INTRODUÇÃO

A maioria das crianças começa a ver televisão antes dos dois anos de idade (30.2%) e entre dois e três anos (25.3%), segundo um estudo elaborado pelo Centro de Investigações Sociológicas, no ano 2000. A maior parte (44.7%)

dos menores de dois anos passa de uma a duas horas diária assistindo programas televisivos por semana. De acordo com PILLAR (2001, p.25) “praticamente as crianças assistem à televisão desde que nascem”. O que essas crianças veem nesses programas, em geral, são repetidas normatizações de papéis, em que meninos e meninas têm seus espaços já demarcados, ou seja, o que eles podem ou não fazer, além de se depararem com constructos prontos de representações familiares.

Percebe-se, pelos dados apontados, que a televisão é um importante meio de comunicação que afeta a construção da cultura e da identidade infantil, especialmente em relação às questões de gênero e da sexualidade. Por estar em contato diário com esse meio de comunicação, seja em casa ou até mesmo na escola, a criança acaba absorvendo padrões de comportamentos, hábitos e atitudes sociais existentes e vinculados pela televisão através de filmes e programas infantis. Os filmes, segundo LOURO (2008), assim como outras mídias, nos rodeiam com seus conselhos e ordens que nos controlam e censuram, constituindo-se em verdadeiras “pedagogias culturais.” (LOURO, 2008, p. 18). Os filmes infantis têm grande penetração no mundo das crianças e são corresponsáveis pela transmissão de conhecimentos e saberes amplamente difundidos.

Nesse sentido, é comum encontrarmos desenhos animados que retratam a (re)produção da dicotomia hierárquica entre meninos e meninas, isto é, desenhos em que a personagem principal é masculina e a ele são atribuídas narrativas de histórias de aventuras, permeadas de lutas, violência e competitividade. Por outro lado, a maioria das personagens femininas é representada de modo superficial, caracterizada por uma personalidade ingênua e/ou incapaz de agir por conta própria. Em virtude disso, às mulheres são relegados papéis secundários em que prevalece um cenário delicado, pacato, meigo de “um mundo cor de rosa” versus um “mundo azul” mais dinâmico e cheio de aventuras.

Podemos citar alguns exemplos de desenhos animados que representam bem esses papéis, como a animada série “O laboratório de Dexter”¹, onde a personagem masculina é um gênio científico, e sua irmã mais velha é uma menina loirinha, burrinha e boba, que arruína todos os seus experimentos. Vemos algo similar no filme Toy Story 1² lançado em 1995, cujo personagem principal é

¹ Dexter’s Laboratory. Direção: Genndy Tartakovsk. Produção: Cartoon Network e Hanna Barbera, Estados Unidos, 1996/2003.

o caubói Woody, que é uma espécie de “pai” entre os brinquedos, um protetor, que assegura que tudo ficará em seu lugar com a chegada de Buzz Lightyear, o novo brinquedo de Andy, que é o menino dono dos brinquedos. A história é cheia de aventuras, emoções, perigos e quase todos os personagens são masculinos. A personagem Betty, a pastora, é representada por Andy em suas brincadeiras como “a donzela em perigo”, que precisa ser salva pelo herói. No transcorrer do filme Betty não participa da ação, atividade deixada para os brinquedos do sexo masculino. Ela possui um interesse romântico por Woody proporcionando-lhe calma e conforto sempre que Woody fica sobrecarregado. O desenho animado da Peppa Pig³ rompe um pouco com as representações de gênero. A mãe Pig dirige o carro e o pai Pig vai de carona. Ou ainda, quando a mãe Pig está no escritório é o pai Pig que cuida dos dois filhos (Peppa Pig e George) e faz os trabalhos domésticos.

Dessa constatação, pode-se questionar como as representações cinematográficas de animação infantil conseguem reproduzir e/ou quebrar com os estereótipos sociais. Dito de outra maneira, que imaginário de gênero está sendo transmitido e legitimado nesse panorama das narrativas de animação infantil? De saída apontamos algumas observações de modo a sinalizar o cenário das produções contemporâneas: a desigualdade aparece já no número de personagens principais femininos versus protagonistas masculinos nos desenhos de animação. É significativamente superior o número de protagonistas masculinos que aparecem nos desenhos animados.

Em virtude do exposto, dada a familiaridade que as crianças têm com a linguagem audiovisual e a importância dos temas transversais que emergem nas narrativas filmicas, os desenhos animados acabam por naturalizar um discurso hegemônico e heteronormativo. Estes desenhos, frequentemente (re)produzem um discurso de normatização das diferenças de gênero e sexualidades, determinando a construção hierárquica entre o masculino e o feminino como definitivas e imutáveis.

Segundo SABAT (2003), os filmes infantis estão muito distantes de serem simples mecanismos de diversão e entretenimento, eles podem ser considerados espaços de constituição de identidades de gênero e de construção da

² Toy Story. Direção: John Lasseter. Produção: Disney Pictures e Pixar Animation Studios. Estado Unidos, 81 min., 1995.

³ Peppa Pig. Direção: Neville Astley, Mark Baker. Produção: Phil Davies. Reino Unido. Série de desenho animado. 2004.

heterossexualidade normativa. Aquilo que se assiste frequentemente nos filmes é a construção das diferenças de gênero e da hierarquia das relações entre homens e mulheres e que subordina o feminino ao masculino de forma convencional. Nas produções direcionadas ao público infantil observam-se narrativas em torno de comportamentos e de valores que, entre outras coisas, pretendem determinar sujeitos de gênero, padronizando e naturalizando comportamentos femininos e masculinos sem questionamentos.

A partir desta problemática, busco analisar como se dão as representações de gênero e de família a partir da assistência fílmica do desenho animado *Valente*⁴, por estudantes do final do ensino fundamental II. A escolha desse filme se dá pelo fato de que essa animação rompe com certos estereótipos de atribuição de papéis de gênero.

Nessa narrativa a protagonista é uma princesa que não está a procura de seu príncipe encantado para ser salva como condição para um final feliz. Pelo contrário, no filme ela não deseja o enlace matrimonial e questiona os padrões de comportamento que deve assumir em virtude de sua condição de mulher. A protagonista desse filme foge dos estereótipos que acabam por padronizar e cristalizar a imagem simbólica de princesa dos contos de fadas. Diferentemente de outras histórias, esta é uma princesa rebelde que recusa o papel imposto pela tradição e pelos costumes escoceses da época. Dedicar-se ao arco e flecha e não aos bordados, falar alto na mesa, briga com a mãe e despreza os três pretendentes que lhe são apresentados para ocupar o lugar de seu futuro marido.

A partir dessa constatação propõe-se uma pesquisa com os alunos do 8º ano, constituída por 21 alunos e 9º ano do ensino fundamental II, composta por 21 estudantes da Escola Pública Municipal Altino Corsino Flores, do município de São José/SC, para verificar a recepção do filme e o seu entendimento sobre papéis de gênero. A idade média dessas duas turmas oscila entre 13 a 16 anos. Os/as estudantes participantes deste estudo foram convidados/as a participar de uma atividade de produção textual a partir da assistência fílmica do desenho animado *Valente* a fim de que pudesse observar, nos textos produzidos por eles, o modo de identificação ou não, com a quebra de paradigmas propostos pela narrativa fílmica. Especificamente pretende-se observar se, do ponto de vista dos estudantes há também ruptura de valores, de identidades, de construções de

⁴ Brave. Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman. Produção: Disney-PixarAnimations. DVD, Estados Unidos, 93 min., 2012.

papéis de gênero ou se existirá a manutenção de padrões, comportamentos e costumes sociais naturalizados e socialmente aceitos por meninos e meninas.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

Analisar as representações de gênero e família a partir da assistência fílmica do desenho animado *Valente* (Brave, Disney-Pixar Animations, 2012) por estudantes do 8º e 9º ano do final do ensino fundamental II.

2.2. ESPECÍFICOS

- Identificar as relações de gênero e família dos personagens do longa-metragem de animação *Valente*⁵(Brave, Disney-PixarAnimations, 2012).
- Discutir a quebra das representações de gênero que padroniza e normatiza comportamentos de meninos e meninas no filme *Valente*.
- Investigar como os estudantes através de suas produções textuais se identificam ou não com a ruptura de papéis de gênero.
- Problematizar como a escola pode trabalhar com as diferentes formas de representações de gênero e família de modo a propor que velhos paradigmas sejam rompidos.

3. HIPÓTESE DO ESTUDO

No cenário contemporâneo a televisão assim como outros meios de comunicação produz e reproduz significados que interagem com as crianças, interferindo nos modos de pensar, sentir e desejar, na construção de conceitos e valores. Segundo SABAT (2001) é dentro desse contexto que se produz um currículo cultural que constitui sujeitos, ensina comportamentos, hábitos e atitudes. De uma maneira geral, as personagens femininas das séries e filmes de

⁵ Brave. Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman. Produção: Disney-PixarAnimations. DVD, Estados Unidos, 93 min., 2012.

animação infantil apresentam ora características consideradas passivas quando protagonistas ou ativas quando vilãs. Assim temos em um extremo a princesa que precisa ser salva pelo príncipe e de outro lado a bruxa que através da malícia, da maldade e sedução alcança seus objetivos. Já as personagens masculinas, na maioria das vezes protagonistas, exibem suas características masculinas de força, virilidade e inteligência de forma naturalizada. Existem hoje, novas séries e filmes animados que estão construindo novas possibilidades representativas destas figuras em comunhão com as transformações sociais. E essas mudanças trazem consigo a possibilidade de novos protagonismos femininos servindo como importante referencial para as construções de outras identidades.

O presente trabalho procura verificar como os desenhos animados que tem uma perspectiva diferenciada sobre papéis de gênero estão repercutindo nos jovens de hoje. Para tanto propõe o visionamento do filme Valente⁶ seguido de uma proposta de construção textual onde os estudantes escreverão o que eles acharam de cada personagem, qual personagem eles mais se identificaram e por quê. O objetivo da produção é perceber se mesmo com conteúdo que questiona os papéis de gênero ocorre ainda a perpetuação de discursos sexistas e de hierarquização do masculino sobre o feminino, de relações de poder e padronização de papéis de gênero. Se ainda eles entendem somente como família nuclear, a família somente composta por pai, mãe, filha e filhos. Será através do olhar desses alunos que se fará a análise das representações de gênero e família no desenho de animação Valente.

O objetivo da produção textual é verificar como estão sendo vistas as representações de papéis de gênero na animação. Com essa atividade espera-se observar a reflexão dos alunos a partir da sua escrita, abrindo para novas possibilidades de discussão sobre questões de gênero e representação de família.

⁶ Brave. Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman. Produção: Disney-PixarAnimations. DVD, Estados Unidos, 93 min., 2012.

4. REVISÃO DE LITERATURA

As desigualdades entre homens e mulheres têm sido naturalizadas através de diversos mecanismos sociais, sobretudo os meios audiovisuais como TV, cinema, e propaganda. Essa naturalização, contudo é uma construção social. Naturalizar diferenças e desigualdades sociais entre homens e mulheres a partir das diferenças biológicas, é normatizar questões que são sociais e que foram construídas culturalmente onde se determinam papéis a serem desempenhados por um ou outro sexo. Nessa compreensão, os papéis sociais esperados de homens e mulheres não podem ser questionados, pois estão embasados na

diferença biológica. Se diferenças e desigualdades sociais entre homens e mulheres são justificadas a partir de diferenças biológicas, normatiza-se algumas questões que são, na realidade, sociais e construídas culturalmente. O Plano Nacional de políticas para mulheres⁷ aponta muito bem essa situação ao afirmar:

Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido às mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres. (BRASIL, 1998, p. 322).

Analisando a famosa frase de Simone de Beauvoir, retirada do segundo volume de sua obra mais famosa intitulada: O segundo sexo escrito em 1949, podemos perceber quanto provocação existe na sua afirmação. “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Através da aprendizagem e repetição de gestos, afetos, posturas e expressões que lhe são passados ao longo da vida. “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume na sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.” (BEAUVOIR, 1949, p.49).

Em uma época em que apenas se falava da diferenciação sexual e os estereótipos sobre a alegada natureza feminina, onde a mulher estava destinada a ser mãe, cuidadora do lar e obediência ao marido, BEAUVOIR rompe com essa “naturalização”, questiona a noção de que a biologia é determinante para os papéis atribuídos às mulheres e de que exista uma *essência* feminina. Nenhum fator biológico ou psíquico pode definir como as mulheres são vistas na sociedade, é um conjunto de valores sociais impostos as mulheres desde a infância, que diferenciam e determinam como mulheres e homens devem se portar. O desafio, portanto, é se livrar desses estereótipos diariamente lançados e ter o desejo de se reinventar para si, não para os demais.

Beauvoir continua a sua argumentação apontando que até os doze anos “a menina é tão robusta quanto os irmãos e manifesta as mesmas capacidades intelectuais; não há terreno em que lhe seja proibido rivalizar como eles.” (BEAUVOIR, 1949, p. 9-10). Se antes da puberdade e desde a primeira infância, a menina já se apresenta como *sexualmente especificada*, continua a autora, “não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança

⁷ BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as mulheres. **Plano nacional de políticas para as mulheres**. Brasília, 2004.

é tão quase original e desde seus primeiros anos sua vocação é imperiosamente insuflada.”

A partir dessa constatação o presente trabalho busca entender se os filmes estão preocupados em mostrar como se dá essas representações de gênero ou se ainda padronizam e normatizam comportamentos femininos e masculinos.

Segundo LOURO (2003) meninos e meninas não são construídos apenas por meio de práticas repressoras ou de censura. Para a autora, homens e mulheres se fazem, também, por meio de relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas para meninos e para meninas. Os gêneros se produzem, portanto, nas e (sobretudo) pelas relações de poder.

Na mesma linha de raciocínio SILVA⁸ nos alerta que o padrão masculino é igualmente construído e que os estudos de gênero devem atentar para esse fato.

Estudar relações de gênero implica compreender a construção social dos papéis não apenas femininos, mas também masculinos. Hoje percebemos melhor que as representações acerca do corpo feminino foram fundamentais para a manutenção do poder entre os homens. Diferentemente da fragilidade e passividade atribuídas as mulheres, o masculino foi definido pela força, domínio, autocontrole e violência. (SILVA, 2015, p.46).

Percebe-se, pelo acima exposto, que a naturalização de comportamentos atinge homens e mulheres de forma igual. Se os papéis considerados femininos são normatizados e naturalizados para que acreditemos que as diferenças recaem sobre a questão biológica, do mesmo modo ocorre a definição do que é masculino. Nas crianças observa-se que esse comportamento normatizado do que é considerado masculino e feminino é transmitido grandemente para desenhos animados.

Assistir a desenhos animados possibilita e motiva a criação e a construção do imaginário infantil acerca do mundo que as crianças fazem parte. Na construção do imaginário sobre o mundo os papéis de gênero ocupam boa parte do conteúdo das animações. É possível observar como há décadas a animação infantil tem como protagonistas mais personagens masculinos que femininos, restando ao feminino o papel de coadjuvante, o que lhe implica histórias menos interessantes. São noivas, mães ou acompanhantes dos protagonistas ou dos

⁸ SILVA, Fernando Cândido da. **Representações e relações de gênero em diferentes grupos religiosos**. Especialização em Gênero e Diversidade na escola Livro II – Módulo II. UFSC, 2015.

vilões. Também com um perfil consumistas, sendo superficiais, burrinhas, ciumentas e obcecadas por um padrão de beleza.

No caso das mulheres, segundo SARDENBERG E MACEDO (2011), existe uma tendência de pensá-las a partir de sua condição biológica considerada delicada que permite gestar, parir e amamentar. Ligado a isso surgem outras atividades como o cuidado da casa e das crianças. Isso justifica que essas diferenças biológicas ao longo do tempo tenham servido para promover as diferenças, as desigualdades e a subordinação das mulheres perante os homens. A mulher é a submissa e obediente, se guia por suas emoções, se orienta pelo amor e sonha com um casamento. É a que cuida da família e da casa e em muitas ocasiões se apresenta no rol da mulher “malvada” ou no da menina “inocente”. GIROUX (2001).

No caso das princesas, elas são figuras que representam uma forma estereotipada do que a mulher deve ser: magras, esbeltas, cabelos claros e lisos, dóceis, sonhadoras, educadas, submissas, passivas, obedientes, recatadas, silenciosas, enfim, representam estereótipos de gênero que são seguidos até hoje reproduzindo normas e regras que regulam as identidades sexuais e de gênero. Para Caitlin Moran, é preciso vencer esses estereótipos e defender o direito das mulheres de ser “tão livres quanto os homens, por mais loucas, burras, delirantes, malvestidas, gordas, retrógadas, preguiçosas e presunçosas que sejam” (MORAN; 2012, p. 68).

Todo sonho de menina é tornar-se uma princesa. As princesas sempre fizeram parte do imaginário coletivo da maioria das meninas. Elas são personagens que meninas e até mulheres querem imitar. Contudo, a “cultura das princesas”, segundo a antropóloga Michele Escoura, dissemina estereótipos de feminilidade, reforçando desde criança o que a menina precisa ser para encontrar a felicidade.

É uma visão excludente de felicidade porque nem todas se encaixam nesse padrão ou querem segui-lo. E quando o negam, sofrem repreensões sociais. Basta olhar para os comentários que fazem das mulheres que não são vaidosas ou que não querem casar. (ESCOURA, 2012, p 23).

Um exemplo de princesa é o clássico filme *Branca de Neve e os sete anões*⁹. Branca de Neve e os sete anões foi o primeiro longa-metragem de animação da história da Disney. Desde o começo da trama a gentil e delicada Branca de Neve é apaixonada pelo belo príncipe que nem o conhece e canta que ele “um dia virá” e transformará seus sonhos em realidade. Ela é bela, submissa, ingênua, vive trancada em um castelo trabalhando para sete homens. A princesa quase morre envenenada por sua madrasta (que é castigada no final do filme), tem um final feliz, mas não consegue por ela mesma, pois é passiva e precisa de um príncipe encantado para salvá-la com um famoso beijo de amor. Na mesma passividade são criadas mais duas princesas: *Cinderela*¹⁰ e *A bela adormecida*¹¹. São princesas que sonham com um príncipe encantado que cheguem com seu cavalo branco que a salve de algum terrível destino e como recompensa, as lindas, belas brancas, magras, doces, caladas princesas se casarão com o príncipe e ambos serão felizes para sempre. O final feliz resume-se ao casamento, como na grande maioria dos contos de animação infantil, associando felicidade e realizações de todo e qualquer ser humano à união heterossexual para formação de uma família. O desenho animado *Cinderela* conta a história de uma jovem, que após a morte de seu pai, transforma-se em serviçal em sua própria casa, onde vive com a madrasta e as filhas dela. Após enfrentar grandes dificuldades com as maldades de seus “familiares”, Cinderela, com a ajuda de sua fada madrinha, consegue ir ao baile oferecido pelo rei e conhece seu futuro esposo: o príncipe onde têm seus sonhos realizados ao casar-se com o príncipe. Cinderela representa a mulher jovem, bonita, gentil, doce, amável e bondosa. Cinderela representa o ideal comportamental feminino: demonstra submissão à madrasta, embora sua vida seja marcada por humilhações. Ela é o modelo de moça resignada e obediente. Representa a passividade e a fragilidade. No filme *A Bela Adormecida* a história começa durante a comemoração do nascimento da bela princesa Aurora, três fadas madrinhas chegam para oferecer os seus presentes para a menina. Uma deu o dom da beleza, outra lhe ofertou o dom do canto e quando a última ia lhe ofertar o seu presente, a malvada bruxa Malévola aparece e lança um terrível feitiço sobre Aurora: quando ela completasse 16 anos, ela furaria o dedo em uma rocha e cairia em sono eterno. Mas logo a última fada descobre um jeito de quebrar o feitiço, quando a princesa cair em sono profundo

⁹Snow White and the Seven Dwarfs, Disney, Estados Unidos, 83 minutos, 1937.

¹⁰Cinderella, Disney, Estados Unidos, 72 minutos, 1950.

¹¹Sleeping Beauty, Disney, Estados Unidos, 75 minutos, 1959.

basta que um beijo do seu verdadeiro amor, um valente príncipe para despertá-la. Aurora, por sua vez, simboliza a princesa indefesa, ingênua, sonhadora, que vive à espera do príncipe encantado que lhe tire da situação infeliz em que vive. Passiva, submissa, frágil, bonita, representa o estereótipo ideal de mulher desejado pela sociedade patriarcal e machista.

Já o filme *A pequena sereia*¹², rompe um pouco com os estereótipos de princesas pacatas dos desenhos anteriores. Neste a princesa Ariel vive num castelo embaixo do mar e motivada pelo desejo de conhecer o mundo dos humanos, trava constante luta com o pai, Tritão. A figura do pai nos faz lembrar a imagem de Deus na *Criação do Mundo* de Michelangelo. Figura de poder e masculinidade. A princesa, por sinal, tem seis irmãs, e motivada pelo desejo de ir atrás do seu amado, Ariel faz um pacto maléfico com a bruxa Úrsula, uma lula gorda e feia. No acordo, ganharia pernas em troca de sua voz. Caso conseguisse um beijo de amor do príncipe, em três dias, se tornaria humana para sempre. Este filme mostrar uma mulher mais rebelde e independente, porém esta rebeldia fica finalmente reduzida a conseguir o amor de um homem, sendo capaz de dar a sua linda voz para lograr seu objetivo, já que tal como diz a música do filme, os homens preferem as mulheres caladas.

O mutismo de Ariel representa o silêncio feminino desejado pela cultura dominante, mais um dos aspectos que fazem parte de outros ideais impostos às mulheres pelas redes de poder. Talvez este seja um dos motivos para as mães morrerem nos contos de fadas, pois a representação da “mulher perfeita” implica na autoanulação e no silêncio, a ponto de desaparecerem nas narrativas. (CECHIN, 2014, p143).

Segundo GIROUX (1995) as personagens femininas nos filmes da Disney não fogem a esse padrão, construídos de acordo com papéis de gênero estritamente definidos, as mulheres são em última instância subordinadas aos personagens masculinos, definindo seu sentido de poder e desejo quase que exclusivamente em termos das narrativas masculinas dominantes.

As personagens femininas estão, em geral, dependentes a um homem, a um final feliz enlace matrimonial. Por mais fortes que possam parecer elas estão sempre esperando que um *príncipe encantado* venha resgatá-las.

¹²The Little Mermaid, Disney, Estados Unidos, 85 minutos, 1989.

No caso de *Valente* é diferente. A protagonista Merida não se enquadra nesse padrão de princesas Disney. É a primeira princesa após a união das duas empresas (Disney/Pixar). É a primeira vez também que o nome da protagonista não está no título do filme e sim o nome reflete sua personalidade. Dessa vez a relação mãe/filha é o foco principal do filme. É a primeira protagonista feminina e é o único dos filmes que não é baseada em nenhum conto adaptado, se trata de uma história original criada por Brenda Chapman¹³ e Mark Andrews, que também dirigiu a produção. Merida é uma princesa de um reino chamado Dun Broch, situado nas Terras Altas da Escócia. Com longos cabelos ruivos, crespos, com cachos indisciplinados, olhos azuis, sobrancelhas grossas, bochechas rosadas e com aparência infantil, é uma princesa que não se conforma com seu destino de casar-se com algum estranho. É uma jovem aventureira, desapegada a questões de beleza, que não valoriza o amor e ama sua liberdade. Quando criança ganhou um arco de seu pai e desde cedo praticava o tiro ao alvo. Quando cresceu, ela invejava a liberdade de seus irmãos meninos, já que, como princesa, ela precisava aprender a ser como sua mãe: delicada, feminina, porém firme. Outro de seus deveres era casar com o primogênito de um dos clãs vizinhos e seus pretendes. O grande dia chega e os jovens pretendentes visitam o reino para um torneio em disputa de sua mão. Já que a competição é para os “primogênitos dos clãs”, ela decide que pode participar também, lutando pela própria mão e o direito de não casar com nenhum deles. Sua mãe, Elinor, fica ultrajada com a vergonha que a filha faz os outros clãs passarem – especialmente porque ela vence. Enquanto Merida se revolta dizendo que sua mãe não a entende, Elinor reclama que a filha não percebe a consequência de seus atos: o casamento selaria a paz entre os clãs, porém sua rebeldia pode iniciar uma guerra. A trama inteira é sobre o conflito e a reconciliação entre as duas. É a primeira vez também que a mãe tem um papel principal na história, geralmente é o pai o protagonista das histórias.

Merida luta por seu destino. Ela não quer se casar. Ela não quer ter um príncipe. Não quer usar vestidos apertados. Quer deixar seus cabelos ruivos e volumosos soltos. Em resumo: ela não quer ser uma princesa. Pela primeira vez, a Disney/Pixar criou uma Princesa de nascença que não quer ser uma Princesa, não quer encontrar o amor, mas quer fazer as coisas de seu jeito. Ser

¹³O projeto do filme *Valente* foi iniciado por Brenda Chapman em 2006, mas, durante o período de produção, a diretora foi substituída por Mark Andrews. De acordo com John Lasseter, diretor criativo Disney/Pixar, “nas mãos de Brenda Chapman, a diretora original, a história estava muito focada na relação da princesa e sua mãe – o que deixaria o público masculino desinteressado” (LUCCA, 2012).

independente e dona de seu próprio nariz. E ela consegue o que quer porque luta por isso. Nada impede que Merida eventualmente encontre seu príncipe e seja feliz para sempre. É a primeira princesa que termina solteira nas histórias de contos de fadas. A questão é que ela não depende de um príncipe para ter sua própria história. Merida rompe com as formas tradicionais de representações de papéis, se posicionando contra o ideal de mulher/esposa/mãe dedicada somente a função reprodutiva, desafiando assim as relações que são naturalizadas, socialmente construídas e normatizadas por meninos e meninas.

Quase sempre a maioria dos filmes animados acaba normatizando uma relação que é social, ou seja, que acontece na sociedade como um todo e que não é natural, mas sim socialmente construída e normatizada. São naturalizações de papéis de acordo com seu sexo biológico. São construções de estereótipos femininos sólidos que foram adotados e naturalizados pela sociedade. Mostra um modelo de mulher com a incapacidade de supera-se a si mesma e a necessidade de encontrar uma figura masculina que a incentive e complete esta superação. O homem representa ali o herói que cumpre um papel salvador, já que, na maioria dos casos, acordam, revivem ou salvam a mulher que atua como vítima. Nesses desenhos animados se sugerem que a realização de uma mulher se chama *felicidade* e está diretamente relacionada com a formação de uma família, onde a mulher se casa, dá a luz, vive para os filhos e marido e não para sua realização pessoal.

O tempo que uma criança passa diante da televisão assistindo a um desenho merece especial atenção dos pais e dos adultos em geral. Muitas vezes se pensa que esses desenhos são simples divertimento e passatempo para as crianças. Na verdade todo conteúdo que chega às crianças são apropriados por elas. Mas se olharmos com mais cuidado e com um olhar mais crítico, muitos desenhos animados e queridos de nossa infância provavelmente nos surpreenderiam hoje pelo conteúdo preconceituoso e estereotipado. Em muitos filmes da Disney, por exemplo, podemos ver que a grande maioria dos personagens principais é composta por pessoas brancas, magras e incrivelmente perfeita. Aqueles que não se encaixam nessas categorias geralmente são personagens secundárias, com papéis muitas vezes equivocados e extremamente estereotipadas.

Meninos e meninas veem através de seus desenhos de animação favoritos diariamente as representações de gênero. Os meninos observam como seus

heróis são fortes e lutam com bravura já as meninas percebem como as personagens se vestem bem, são magras, delicadas e dóceis.

Para Louro (2010, p.11), “A coerência e a continuidade supostas entre sexo-gênero-sexualidade servem para sustentar a normatização da vida dos indivíduos e das sociedades”. Essas normas perpetuam situações de opressão e de exclusão social, pois o que foge dos padrões sofre todos os tipos de preconceitos e discriminações.

Sendo assim, acredita-se ser neste aspecto que os desenhos infantis difundidos pela televisão configuram e estabelecem as identidades de gênero e sexual presentes em nossa sociedade. Desse modo, Louro (2010, p.12) defende a ideia de que “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, sendo moldadas pelas redes de poder de uma sociedade”. Já com relação à sexualidade, a autora entende que:

[...] não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política; o segundo, o fato de que a sexualidade é “apreendida”, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos, ou seja, podemos dizer que a mesma tem sido alvo de grandes especulações e vem sendo posta como tema central de nossas vidas e também tem se mostrado como alvo de fiscalização e controle por parte das escolas, das famílias e até mesmo da mídia. (LOURO, 2010, p. 11).

A escolha do desenho animado *Valente* para a realização do estudo junto aos estudantes de ensino médio quer investigar se está ou não havendo uma mudança de valores, naturalização e padronização de identidades. Será através das produções textuais desses estudantes que se observará se houve uma quebra de paradigma ou não.

Para SABAT, as mulheres:

[...] mesmo que heroínas são belas, doces, frágeis, submissas, esbeltas, inteligentes e bem vestidas, sempre em busca dos parceiros ideais, ou seja, estes são modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade que foram sendo adquiridas ao longo do tempo [...] SABAT (2007, p.4).

Se busca investigar através do estudo desta pesquisa como os alunos pensam hoje como se dá essa relação de gênero e família e se está havendo uma mudança nessa padronização de papéis.

Segundo Sabat (2001), os desenhos animados em forma de filmes infantis têm sido produzidos em escalas cada vez maiores por grandes estúdios de

cinemas. E longe de ser considerados apenas produtos de entretenimentos, tais filmes podem ser considerados artefatos que desempenham uma determinada pedagogia cultural. São espaços de constituição de identidades de gênero e sexuais, e atuam como construtores de uma heterossexualidade normativa que produz sujeitos da educação.

Frequentemente os filmes infantis constroem as diferenças de gênero e sexuais de forma convencional, determinando a construção hierárquica do feminino e do masculino como definitivas e imutáveis. Contribuindo assim, para educação de sujeitos e normatização de condutas. As crianças assistem e acabam repetindo através de gestos, falas, atitudes esses padrões comportamentais que acabam reproduzindo ainda mais a desigualdade entre os gêneros.

5. METODOLOGIA

O presente trabalho utilizará como forma metodológica a pesquisa de abordagem qualitativa, caracterizada assim por trabalhar como “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis” (MYNAIO, 1996, p. 21).

Para realização da pesquisa serão convidados estudantes de duas séries de ensino fundamental que assistirão o filme *Valente*¹⁴ e logo em seguida serão

solicitado a realizar uma atividade de produção textual a partir da assistência do desenho animado. Através da produção textual dos alunos pretende-se observar, o modo de identificação ou não, das crianças, com a quebra de paradigmas propostos pela narrativa fílmica acerca dos papéis de gênero e representações familiares.

5.1 CENÁRIOS DO ESTUDO

Este estudo será realizado na Escola Municipal Altino Corsino Flores, do município de São José. A população é constituída por uma professora da disciplina de Língua Portuguesa, além da presença da pesquisadora, e por 34 estudantes – meninos e meninas com idades médias entre 13 a 16 anos. A pesquisa deu-se nessas duas turmas de ensino fundamental (8 ano e 9 ano) por as mesmas já terem participado de um projeto no início do ano sobre sexualidade e identidade de gênero, pelo fato de alguns estudantes terem assumido sua orientação sexual na sala de aula e com isso estarem sofrendo preconceitos.

5.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Duas turmas participarão do estudo. Uma turma de 21 estudantes do 8º ano e uma turma 21 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II. Os alunos participantes da pesquisa receberão um termo de *Consentimento Livre e Esclarecido* (modelo apêndice) que será encaminhado aos pais. A pesquisa será aplicada somente com os alunos em que todos os pais consentirem a participação de seus filhos e filhas.

5.3 COLETA DOS DADOS

Os instrumentos de coleta de dados da pesquisa se darão por meio da leitura da pesquisadora, observação dos aspectos e do modo, e registro de como o tema acerca dos papéis de gênero e representação de família serão abordados

¹⁴ Brave. Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman. Produção: Disney-PixarAnimations. DVD, Estados Unidos, 93 min., 2012.

na produção textual realizada pelos estudantes após a assistência fílmica proposta.

Para isso, a atividade destinada aos estudantes, constará do seguinte comando:

O filme *Valente* apresenta personagens e final diferente das histórias clássicas de contos de fada. Faça uma produção textual sobre o que você achou de cada personagem e diga com qual personagem você se identificou e porquê?

5.4 PROCESSAMENTO DOS DADOS

Após os alunos terem assistido ao filme de animação, *Valente*¹⁵ e produzido seus respectivos textos expondo seus pontos de vista, a pesquisadora fará a leitura desses textos de modo a identificar e relacionar como se dão as representações dos papéis de gêneros e representações familiares, distinguindo como são descritas essas representações por meninas e por meninos. Além disso, observar-se-á, do ponto de vista dos estudantes, como meninas e meninos percebem e lidam – aceitam ou não – as rupturas propostas pelo filme.

6. ANÁLISE DOS DADOS (OU PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS)

Primeiramente cabe registrar que a escolha das duas turmas do ensino fundamental da escola pública de São José para a realização da pesquisa se deu em decorrência da pesquisadora não conseguir realizar sua investigação acadêmica na sua escola que é da rede particular, em virtude do tema que seria analisado não ser permitido na sua escola que segue princípios cristãos. Portanto, ao realizar a pesquisa na rede pública, a pesquisadora deparou-se com

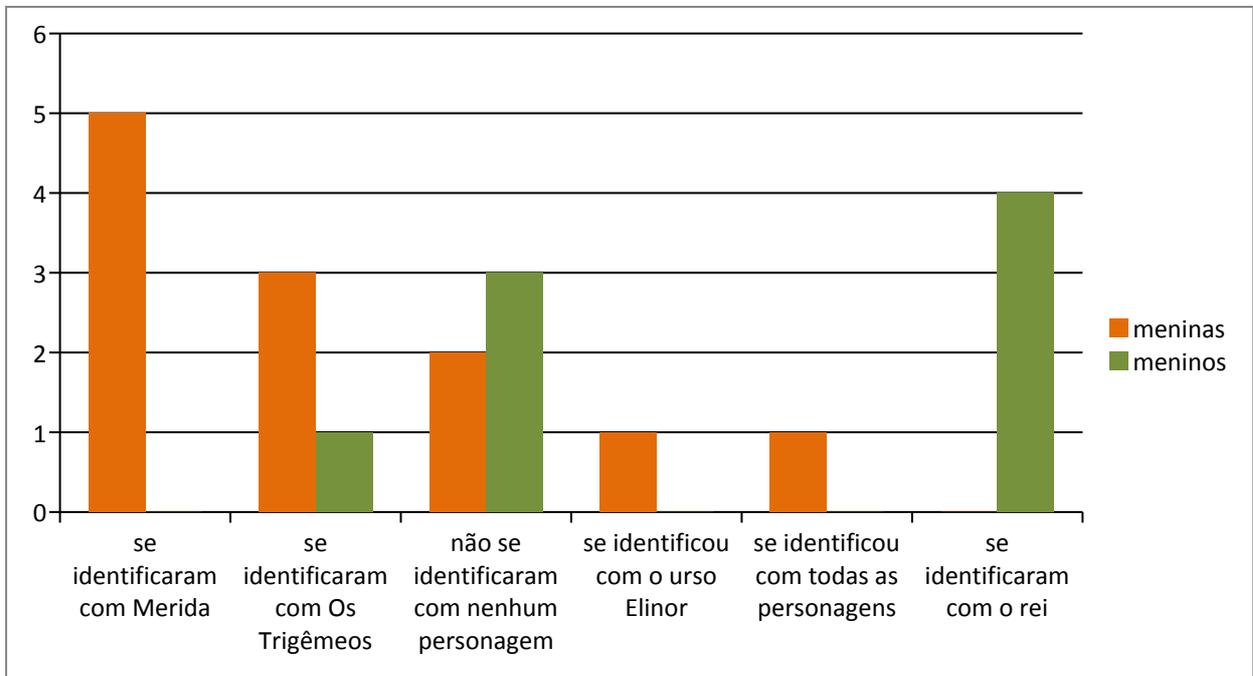
¹⁵ Brave. Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman. Produção: Disney-PixarAnimations. DVD, Estados Unidos, 93 min., 2012.

uma realidade muito diferente da que encontra na rede particular de ensino. A começar pela idade avançada dessas/desses estudantes que varia de 13 a 16 anos em uma mesma classe. Por esse motivo, a princípio, quando estava sendo apresentado o filme *Valente*¹⁶, as/os estudantes não estavam achando interessante assistir um filme de animação que acharam ser muito infantil para eles em virtude de serem já adolescentes. No entanto, no transcorrer da história, notavam-se olhares de interesse e curiosidade acerca das personagens que iam aparecendo e suas tramas que prendiam a atenção de todos/todas. O contato com as/os estudantes e a pesquisadora somente aconteceu no dia da apresentação do filme. Foi explicado aos estudantes que na próxima aula de língua portuguesa eles iriam realizar uma produção textual sobre o filme assistido. Após o término do filme, o mesmo foi apresentado em uma aula e meia, os alunos e alunas começam a falar sobre o filme principalmente sobre o padrão de comportamento da personagem principal, a princesa Merida. Uma semana após a apresentação do filme foi solicitada a produção textual a todos/as estudantes, porém neste dia alguns estudantes faltaram e não participaram da pesquisa. No dia da produção textual somente a professora titular da classe estava presente.

Após a leitura de todas as produções textuais dos estudantes das duas turmas de ensino fundamental, a pesquisadora criou um gráfico para melhor apresentar a identificação de cada estudante com as personagens, separando meninas e meninos e as personagens do filme no qual elas/eles se identificaram.

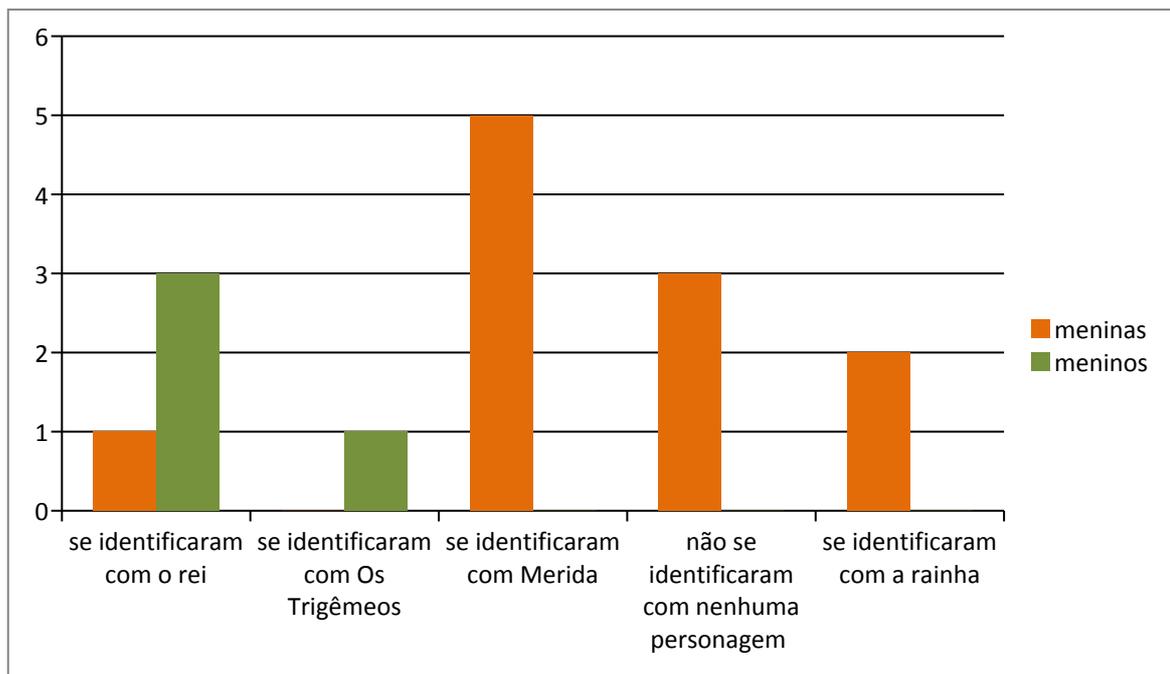
Gráfico 1 – 8º ano: identificação com as personagens

¹⁶ Brave. Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman. Produção: Disney-PixarAnimations. DVD, Estados Unidos, 93 min., 2012.



Fonte: elaboração da pesquisadora

Gráfico 2 – 9º ano: identificação com as personagens



Fonte: elaboração da pesquisadora

Na análise do 8º ano, após a leitura das produções textuais, observou-se que com exceção de um menino, os outros estudantes do 8º ano se identificaram somente com personagens masculinas, ora com o Rei Fergus, ora com os trigêmeos. Nas suas escritas tudo que se refere à luta, força, diversão está elencado a personagens masculinas. Outro fato que chama a atenção foi a

comparação da aparência física do rei. Como nota-se na fala de R. L. M de 14 anos. *“Eu me identifiquei com o Rei Fergus, porque ele é gordo, feio, brincalhão, divertido, grande e ama sua família”*. Pode-se notar, aqui, que o estudante está reproduzindo aqueles velhos padrões que meninos não se preocupam tanto com aparência física quanto as meninas que, por sua vez, sonham em serem lindas e magras, os mesmos não se importam em se parecer fisicamente com um rei fora de forma.

Imagem 1 – Rei: Família Nuclear tradicional



Fonte: Valente, 2012. Fotograma do filme.

Também na fala de E.D. de 14 anos observa-se algo similar: *“Eu me identifiquei mais com os trigêmeos porque eles eram bagunceiros e gostavam muito de comer”*. Os trigêmeos passaram todo o filme sem pronunciar uma única palavra e mesmo assim alguns meninos e até meninas se identificaram com eles somente por observarem seus comportamentos.

Imagem 2 – Travessuras dos trigêmeos



Fonte: Valente, 2012. Fotograma do filme.

Outras narrativas reproduzem o mesmo discurso normatizador de papéis de gênero. A. S. M. de 14 anos *“Eu me identifiquei com Fergus, pois sou humorado e tenho meu lado prático”*. Na produção de Y. D. M. S de 15 anos *“Me identifiquei mais com o Fergus porque ele faz uma parte de mim no filme, tirando a parte do urso onde ele perdeu na perna, sou uma pessoa legal mas não posso ser legal a qualquer momento”*. Da mesma forma no discurso de L. P. de 14 anos. *“Eu me identifiquei com o Fergus porque ele é muito feliz, alegre e eu também sou assim”*.

Imagem3 – A felicidade estampada no rosto do Rei Fergus



Fonte: Valente, 2012. Fotograma do filme.

Das produções textuais dos estudantes do 8º ano, apenas um aluno, R. T. S de 13 anos, se identificou com uma personagem feminina e que desempenha um papel totalmente coadjuvante no filme, é a empregada que está sempre em contato com os trigêmeos e Merida. “ *Me identifiquei com a faxineira porque ela não é muito de falar, além de não se misturar com os baderneiros*”. É possível perceber através de sua fala, uma ruptura dos padrões de comportamentos que normalmente espera-se de meninos como agitados, falantes, ativos...

Vale ressaltar que no filme *Valente* toda a ação gira em torno das mulheres, são elas que são as mocinhas, são elas as protagonistas da história e as personagens masculinas tem um papel coadjuvante diferentemente das tradicionais historias de princesas da Disney. Até mesmo os príncipes que são apresentados a Mérida, fogem do padrão também tradicional de príncipes da Disney. Eles são caricatos, com aparências pouco agradáveis. São barbudos, cabeludos, grosseiros, sem modos, características quase nunca apresentadas a príncipes. Existe um rei, mas é a rainha Elinor que toma todas as decisões, é ela que discursa, é ela que é respeitada. Mesmo estando isso claro no filme, todos os meninos se identificaram com o rei (pela força/diversão) e não com a rainha. Percebe-se que por mais que haja essa ruptura de representações acerca dos papéis de gênero no filme, os estudantes ainda mantêm um discurso sexista, de hierarquização do masculino sobre o feminino. São comportamentos aprendidos em casa, na escola, na rua, que fazem com que eles percebam certas atividades como pertencentes a homens ou a mulheres, valorizando-os de forma diferente. Observamos com isso como as representações de gênero estão presentes nas falas desses alunos.

Imagem 4 – A faxineira calada



Fonte: Valente, 2012. Fotograma do filme.

Toda a história do filme é praticamente sobre o conflito e a reconciliação entre mãe e filha. A Rainha Elinor é a que toma as rédeas do relacionamento com o rei e não o contrário. Sendo ela que dirige todas as decisões na família e no reino. No entanto, ao ler uma produção textual de um aluno quando ele se refere à família, ele se reporta ao Rei Fergus. No filme o rei é apresentado como uma figura engraçada, até mesmo desnecessária e fonte de força bruta. No entanto é ele o protetor de sua família e de seu reino e isso dá-se através de sua força. A rainha assume o papel de educadora, um tanto repressora. Ela se dedica com devoção ao bem-estar de sua família e do seu reino. Elinor se esforça para transmitir a Merida o conhecimento e os modos da realeza. Esses aspectos apresentados no filme nos fazem refletir sobre a ideia de organização familiar naturalmente estabelecida, onde homem é o protetor e a mulher é a que cuida e educa.

Imagem 5 – A relação conflituosa entre mãe e filha



Fonte: Valente, 2012. Fotograma do filme.

Já na fala das 12 meninas, três se identificaram com os trigêmeos, principalmente porque são “levados e bagunceiros”, características essas atribuídas na maioria das vezes a meninos. Consta-se essa afirmação nas falas de A. B de 14 anos, *“Eu me identifiquei com os trigêmeos, porque eles adoram comer doce, gostam de fazer bagunça, são pequenos e adoram uma travessura”*. Também na fala de I. R. R de 14 anos ‘Eu em identifiquei com os trigêmeos porque são bagunceiros’ e na produção de C. S de 14 anos *“Eu me identifiquei com os trigêmeos porque eles eram levados, gostavam de aprontar e na frente das pessoas eles eram uns amorzinhos. Gostavam de comer o que viam e eram fofos”*. Diferente dos estudantes, as meninas se identificaram com personagens masculinas independentemente de seu sexo biológico. Crescemos escutando nossas professoras falarem que meninas são mais quietinhas e obedientes e que meninos são mais agitados e desatentos. Mesmo após todo esse discurso de normatização de comportamentos, as meninas não se enquadraram em um determinado perfil, porque elas perceberam que não existe nada que as subordine a serem *caladas, serenas, pacatas somente pelo* simples fato de serem do sexo feminino e isso é uma grande mudança para o padrão tradicional.

Imagem 6 – Os trigêmeos



Fonte: Valente, 2012. Fotograma do filme.

A grande maioria das estudantes - quase metade das meninas - se identificou com Merida por a princesa ser corajosa, valente e lutar por seu destino. Observa-se isso na fala de N. P de 13 anos “ *Eu me identifiquei mais com a Merida pelo fato de ela querer comandar seu destino e não querer ser igual a todas as princesas*”. Também na narrativa de E. N. 14 anos. “ *Me identifiquei na Merida porque ela era uma menina cobiçada que lutou para não ser apenas uma princesa*”. Assim como L. G. T. B de 16 anos. “*Eu me identifiquei com a Merida porque ela fez o errado mas aprendeu com seu erro*”. Também na produção de M. A. H. “ *Eu me identifico com a Merida porque eu achei legal e bom o papel dela*”. Ela é a representação da mulher moderna em uma época antiga: ela é uma exímia atiradora de flechas, usa seus cabelos cacheados ao natural, seus vestidos são leves e soltos para poder movimentar-se melhor nas suas aventuras e peripécias e o mais importante de tudo:

No entanto o fato que mais chamou a atenção na pesquisa foi a produção textual de uma menina. Em sua fala, A. K. diz: “*Eu me identifiquei com a Merida por ser sincera, amiga, alegre, extrovertida, aventureira e tudo menos meio menino*”. O filme mostra destrezas físicas da princesa para atividades que são consideradas para muitas pessoas exclusivas dos homens.

Percebe-se que a estudante não se identifica com as atividades que a princesa gosta de praticar. Espera-se das meninas brincadeiras, atitudes, falas, gestos que sejam aceitas de acordo com seus papéis de gênero e o que foge a essa conduta logo é destacado e censurado.

Imagem 7 – Merida e seu inseparável arco e flecha



Fonte: Valente, 2012. Fotograma do filme.

Imagem 8 – As aventuras de Merida



Fonte: Valente, 2012. Fotograma do filme.

A princesa cavalga com agilidade, usa o arco e flecha com destreza, pesca, acende fogueira, escala montanhas, toma banho de cachoeira, não se enquadra nos padrões que lhe são impostos. Provavelmente essa quebra de paradigma que ocorre no filme seja confundida com comportamento não

adequado por algumas pessoas, pois as mesmas estão acostumadas a essa naturalização de comportamentos. São estereótipos construídos desde que nascemos, onde é estabelecido o que deve ser comportamento de menina ou comportamento de menino, é naturalizar comportamentos a partir de diferenças biológicas. As preferências e os comportamentos de meninas e meninos não são meras características naturais do corpo biológico. São construções sociais e históricas; portanto, não é mais possível compreender as diferenças com explicações fundadas na explicação biológica. Assim qualquer um que desvie do comportamento classificado como "normal" é logo reprimido pelos demais. A estudante amou todas as características da princesa, mas não achou comportamento de menina ela gostar de atividades que ela acredita ser de meninos. É fundamental desconstruir a ideia de um corpo essencialmente natural, onde foram construídas culturalmente e se determinam papéis a serem desempenhados de acordo com o corpo biológico de cada gênero.

Esse pensamento é exemplificado por BUTLER (2003)

A partir da naturalização dos gêneros, construiu-se a ideia de que a performance socialmente aceita é a binária (homem ou mulher) unindo sexo biológico ao gênero, legitimando uma matriz heterossexual por meio de discursos. O que escapa desse binarismo é reprimido socialmente. (BUTLER, 2003, p. 38)

Também surgiu entre as narrativas uma estudante, A.C. de 15 anos, que se identificou com o urso Elinor. *"Eu me identifiquei com o urso Elinor, ele é bem corajoso e valente"*. Considerando-se que as qualidades coragem e valentia geralmente são atribuídas a meninos, dessa maneira constata-se o empoderamento dessa menina, assim como as demais estudantes. Elas se destacam ao assumir um papel diferente dos meninos. Elas não querem mais ser comparadas as personagens sensíveis, delicadas, desprotegidas, frágeis e inferior. Elas querem conquistar seus espaços e não ficar presas a estereótipos de gênero, comportamentos considerados socialmente naturalizados em função do sexo e que definem como elas devem ser e se comportar.

Imagem 9 – As aventuras de Merida e sua mãe



Fonte: Valente, 2012. Fotograma do filme.

Na análise de textos dos 9º anos, todos os estudantes se identificaram com personagens masculinas. Em suas produções textuais suas falas se repetem como na fala de H. S: *“Eu me identifiquei com o rei porque ele é doido e forte, valente”*. Também na narrativa de R.C. *“Me identifiquei com o Fergus porque ele é muito engraçado e gosta de realizar jogos entre amigos e familiares.”* Ou com G. H. M que se identificou com um dos príncipes pretendentes *“Eu me identifiquei com o cara fortão, sarado porque ele era forte e eu sou forte”*.

Imagem 10 – O líder do clã Macintoshl



Fonte: Valente, 2012. Fotograma do filme.

Já o estudante, M. V se identificou com os trigêmeos *“Eu me identifiquei com os três pestinhas, que adoram fazer brincadeira com as pessoas principalmente com as mais velhas”*. Os três irmãos mais novos da princesa se assemelham a ela, são perspicazes, inteligentes, engenhosos, pequenos e cheios de energia, ajudam a irmã e a mãe em diversas situações, possuindo dessa maneira peculiaridades muito parecidas com as da irmã Merida, no entanto nenhum menino se identificou com a princesa mesmo tendo características tão parecidas quanto a dos irmãos mais novos.

Mais uma vez atividades de força, competitividade, violência, diversão e aventuras são atribuídas ao gênero masculino e eles se identificam com esses discursos. No filme o pai da princesa, o Rei Fergus, é mesmo um homem forte e robusto, mas apesar do seu porte físico e sua posição, não consegue tomar decisões e nem governar sozinho, precisando sempre do auxílio e da firmeza da rainha. Contudo o que chama a atenção dos alunos não é sua debilidade em liderar seus súditos, mas sim sua força física. E Mesmo Merida sendo uma princesa que quebra muitos paradigmas como gosto por brinquedos (arco e flecha) e brincadeiras (cavalgar, pescar) nada convencionais para meninas, nenhum menino se identificou com ela.

Já na fala das meninas quase todas se identificaram com personagens femininas. Três meninas se identificaram com a princesa. O espírito aventureiro e libertário

da princesa é destacado nas falas de M. S. S.: *“Me identifiquei com a princesa porque sempre acredita que pode sim mudar seu destino”*. Também na fala da aluna L. M. P *“Eu acho que ela, a Valente é bem igual a minha pessoa, não leva desaforo pra casa, não aceita tudo que a mãe quer”*. O mesmo percebemos na narrativa de M. E. *“Me identifiquei com Merida porque gosto de atividade de meninos, atividades de força, insistência e teimosa”*. Normalmente a palavra *força* representa *personagens masculinas*, tal observação desconstrói estereótipos sociais que são associados apenas ao gênero masculino. Três alunas se identificaram com a rainha Elinor, como na fala de M. A. S. *“ Eu me identifico com a rainha porque ela é mandona, autoritária, determinada e consegue tudo o que quer.”* Também na produção textual de A. P. M *“ Me identifico com a rainha porque é calma e delicada”*.

E na narrativa de R. A. O. P *“Me identifiquei com a Elinor a rainha, por querer proteger e ajudar a mudar as coisas do seu jeito”*.

Imagem 11 –Rainha Elinor



Fonte: Valente, 2012. Fotograma do filme.

Apenas uma menina se identificou ao mesmo tempo com Merida e Fergus, foi a aluna I. A. S. “ *Eu me identifiquei um pouco com o rei Fergus por ser muito teimoso e com a Mérida por ter a coragem*”. E o mais interessante foram as atribuições das características para esses dois personagens: Para a princesa a *coragem* e para o rei a *teimosia*, características essas muitas vezes atribuídas ao sexo oposto, coragem para homem e teimosia para mulher. Percebe-se desse modo que essa característica, no caso *teimosia*, sempre foi uma característica negativa imputada às mulheres de maneira preconceituosa e reproduzida no dia a dia. Nessa fala esses estereótipos sociais não se repetem. Apesar de o rei representar a *força* e *valentia*, exemplo no filme quando ele enfrenta o urso e perde sua perna esquerda, a palavra *coragem* foi escolhida para representar a princesa Merida. Coragem para romper com a tradição patriarcal e não permitir que o casamento fosse concretizado para selar a paz entre os reinos. Tudo que ela buscava era trilhar o próprio caminho, e não apenas seguir o de sua mãe.

Através da análise das narrativas escritas pelos estudantes nota-se assim, que alguns estereótipos foram quebrados, sobretudo aqueles que sempre foram representados nos filmes da Disney, como a imagem da mulher como um ser frágil e inferior e a do homem como um ser forte e superior. E essas mudanças trazem consigo a possibilidade de novos agenciamentos femininos para a construção de outras identidades.

Primeiramente cabe registrar que a escolha das duas turmas do ensino fundamental da escola pública de São José para a realização da pesquisa se deu em decorrência da pesquisadora não conseguir realizar sua investigação acadêmica na sua escola que é da rede particular, em virtude do tema que seria analisado não ser permitido na sua escola que segue princípios cristãos. Portanto, ao realizar a pesquisa na rede pública, depara-se com uma realidade tão diferente das que encontramos na rede particular. A começar pela idade avançada dessas/desses estudantes que varia de 13 a 16 anos em uma mesma classe. Por esse motivo, a princípio, quando estava sendo apresentado o filme *Valente*, as/os estudantes não estavam achando interessante assistir um filme de animação que acharam ser muito infantil para eles em virtude de serem já adolescentes. No entanto, no transcorrer da história, notavam-se olhares de interesse e curiosidade acerca das personagens que iam aparecendo e suas tramas que prendiam a atenção de todos.

Uma semana após a apresentação do filme, a professora de língua portuguesa, titular da turma, pediu aos estudantes uma atividade de produção textual abordando, ainda, questões sobre a temática do filme. Os alunos já sabiam que iriam participar de uma pesquisa de campo e que suas produções seriam analisadas e seus dados coletados para uma investigação acadêmica.

Porém o fato mais surpreendente veio depois da apresentação fílmica. A professora conta que, após a apresentação do filme na turma do 9º ano, os comentários continuavam acerca do comportamento da princesa, e o que seria modos de meninos e modos de meninas. Falaram desde suas vestimentas, maneira de ser e se comportar até o fato de ela não querer se casar, como ocorre nos tradicionais filmes de princesas. A partir desses comentários, um menino que era o mais calado da sala e que na sua produção textual havia se identificado com a “faxineira calada”, pediu para a professora a oportunidade de falar na frente de todos os colegas sobre sua orientação sexual, explicando com suas palavras a diferença entre sexo biológico e identidade de gênero. Disse, ainda, que sua identidade era feminina, porém tinha nascido em um corpo masculino. Manifestou seu desejo de ser tratado pelo feminino, e revelou seu sonho de tornar-se uma juíza. Interessante registrar que a turma toda o escutou, não faltando com respeito em nenhum momento. Hoje todos os seus colegas o tratam por “ela”, realizando dessa maneira sua vontade. A professora relata que após esse episódio, atualmente, na sala de aula, ele não é mais o garoto tímido que

não tinha amigos, e passou a se relacionar com todos os estudantes. A partir desse fato, pode-se inferir que “ela” deu voz à “faxineira calada”, personagem coadjuvante, sem importância na trama do filme, assim, talvez, como esse estudante, agora essa estudante, sentia-se em sala de aula, uma vez que após a apresentação de *Valente*, o filme fomentou a discussão acerca do rompimento como os padrões de comportamentos de meninos e meninas, fato que encorajou “a aluna” a falar sobre sua identidade de gênero.

Dessa maneira, LOPES¹⁷ fala da importância da escola:

Que seja um lugar de (re)criar e politizar a vida social. De compreender a necessidade de não separar cognição e corpo, de se livrar de discursos binários aprisionadores, de se questionar ininterruptamente e de se preocupar com justiça social e ética! (LOPES, 2008, p.144).

Nas duas turmas analisadas na pesquisa, tanto meninas quanto meninos manifestaram posições diferentes acerca das representações dos papéis de gênero cristalizados do universo feminino e masculino. Com exceção de um menino, em uma das turmas, todos os outros se marcaram por meio de falas que (re)produzem a permanência de discursos sexistas, exaltando sempre como características masculinas força e valentia. Já nas produções das meninas, percebeu-se uma ruptura aos arquétipos de padrões de comportamentos “esperados” e “desejados” às mulheres que, geralmente, tendem a se identificar pelos traços de delicadeza e fragilidade, sendo que a todas as participantes da pesquisa identificaram-se, também, por características como força, determinação, coragem.

¹⁷LOPES, Luis Paulo Moita. Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e teoria queer. In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 125-148.

7. CONCLUSÃO

Após a leitura de todas as produções textuais das estudantes e dos estudantes se percebeu a manutenção dos estereótipos sociais referentes aos papéis de gênero masculino por parte dos meninos e uma ruptura referente aos papéis dos atributos femininos por parte das meninas. As narrativas, tanto dos meninos do 8º ano quanto dos meninos do 9º ano, foram repetições do discurso normativo de papéis de gênero que determina o que as mulheres e homens podem e devem ou não fazer, o que seria para eles comportamento de meninos e o que seria o de meninas. E mesmo em suas produções textuais quando falavam da princesa e identificavam qualidades marcantes como valentia, força, persistência, determinação, eram nas personagens masculinas que eles se percebiam. Já nas narrativas femininas, nas duas turmas, houve uma desconstrução atributos de qualidades que geralmente são associadas às personagens masculinas. Elas (as meninas participantes da pesquisa) não mais se identificaram a características das personagens femininas, como passividade, delicadeza, submissão. Assim, como Merida, elas acreditam que podem exercer posições de comando e, desse modo, conquistarem espaços que não eram antes possíveis a elas.

Esta pesquisa mostrou-se relevante para o nosso contexto sócio histórico para mostrar a essas meninas e meninos que o modo de expressar suas corporeidades, seja através de gestos, falas, afetos etc., não precisa e nem deve estar de acordo com normatizações de padrões de comportamentos. E que é muito bom conviver com a diversidade, ou seja, que meninos podem ser afetuosos, gentis e que meninas não precisam se esconder atrás de suas feminilidades, assumindo posturas passivas e dóceis que remetem a posições de submissão. Talvez com essas rupturas, possamos construir um mundo significativamente mais justo e menos preconceituoso em que os “diferentes” sejam tratados com equidade.

8. CRONOGRAMA DO ESTUDO

ATIVIDADES	PERIODO	
Apresentação do projeto de pesquisa no para a escola mês de agosto.	DATA INICIAL	DATA FINAL
	Início de setembro	Final de setembro

9. ORÇAMENTO DO ESTUDO

RECURSOS	INVESTIMENTOS
Fotocópias	40 reais
Compra do DVD do filme <i>Valente</i> (Brave, Disney-Pixar Animations, 2012)	40 reais
Impressão e encadernação	50 reais
Banner	85 reais

10. REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo** – fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Plano nacional de políticas para as mulheres**. Brasília, 2004.

GIROUX, H. **Os filmes da Disney são bons para seus filhos?**In: STEINBERG, S.; KINCHELOE, J. (Orgs.). *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LOPES, Luis Paulo Moita. Sexualidades em sala da aula: discurso, desejo e teoria queer. In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 125-148.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: ____ (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade** – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; GOELLNER, Silvana Vilodre.; NECKEL, Jane Felipe (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade. Um debate contemporâneo na Educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas**. In: *ProPosições*. V. 19, n. 2. Mai-ago, 2008.

MORAN, Caitlin. **Como ser mulher – Um divertido manifesto feminino**. São Paulo, Editora Paralela, 2012.

MYNAIO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

SABAT, Ruth. **Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis?** In: 24a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação ANPEd, 2001, Caxambu (MG). 24a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação ANPEd, 2001. p. 1-15.

SABAT, Ruth. **Filmes infantis e a produção performativa da heterossexualidade**. Tese (Doutorado em Educação) Porto Alegre (RS): PPGEDU/UFRGS, 2003.

SARDENBERG, Cecilia M. B.; MACEDO, Márcia S. **Relações de gênero: uma breve introdução ao tema**. In: Costa, Ana Alice Alcântara; TEIXEIRA, Alexnaldo Teixeira Iole Macedo Vanin (org.). *Ensino e gênero: perspectivas transversais*. Salvador: UFBA – NEIM, 2011.

SILVA, Fernando Cândido da. **Representações e relações de gênero em diferentes grupos religiosos**. Especialização em Gênero e Diversidade na escola Livro II – Módulo II. UFSC, 2015.

FILMOGRAFIA

- A Bela Adormecida (SleepingBeauty). Direção: Clyde Geronimi, Les Clark, Eric Larson e Wolfgang Reitherman. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1959.75 min, cor.
- A Branca de Neve e os Sete Anões (Snow White and the Seven Dwarfs). Direção: David Hand, William Cottrell, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce e Ben Sharpsteen. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1937.83 min, cor.
- Cinderela (Cinderella). Direção:Clyde Geronimi, Hamilton Luske e Wilfred Jackson. Produção: Walt Disney. Walt Disney Productions, 1950.74 min, cor.
- A Pequena Sereia (The Little Mermaid). Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: John Musker e Howard Ashman. Walt Disney Pictures, 1989. 82 min, cor.
- Valente (Brave). Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman. Produção: Katherine Sarafian. Pixar Animation Studios, 2012. 93 min, cor.